

07 “A Alca tem que ser vantajosa para todos”

O Brasil defendeu ontem, em Cochabamba (Bolívia), onde se realiza a Décima Cúpula do Grupo do Rio – com a presença de doze presidentes da América Latina, Caribe e América Central –, que a integração de todo o continente americano deve ser gradual e igualmente vantajosa para todos. Primeiro, é necessário fortalecer os acordos comerciais bilaterais, regionais e sub-regionais para depois convergir rumo a uma integração mais ampla, como a pretendida com a Área de Livre Comércio das Américas (Alca).

Essa posição liderada pelo Brasil opõe-se à dos Estados Unidos, que querem acelerar a negociação de um pacto comercial hemisférico. A união de todos os mercados das três Américas (do Norte, Central e do Sul) foi decidida em 1994, em Miami (EUA), pelos chefes de Estado que participaram da Cúpula das Américas, encontro promovido pelo presidente norte-americano,

Bill Clinton. A proposta aprovada prevê a implementação, até o ano 2005, do maior mercado comum do mundo, com cerca de 850 milhões de consumidores.

“A implementação da Alca deverá assegurar que a integração hemisférica seja igualmente vantajosa para todos os seus participantes. Para tanto, é necessário que se adote um enfoque gradual, que garanta uma transição adequada, de forma a evitar que o processo integrador gere traumas, que desestabilize as economias da nossa região e que comprometa o objetivo final do processo, que é o de contribuir para a melhoria do bem-estar de nossos povos”, segundo o texto do discurso que o presidente Fernando Henrique Cardoso deveria ter feito ontem, mas foi cancelado por causa de mudanças no programa da cúpula.

A estratégia de convergência gradual de integração caracteriza os avanços bem-sucedidos da in-

tegração regional, segundo a posição defendida pela diplomacia brasileira. Se, por um lado, a integração na América Latina e Caribe tem sido arrojada e relativamente rápida, por outro, as negociações têm sido marcadas pela cautela, pelo realismo e pelo senso comum de oportunidade, lembram os diplomatas brasileiros. Eles acreditam que o consenso político do Grupo do Rio sobre essa posição – liderada pelo Brasil – é importante como fonte de estímulo e de respaldo político para a condução do processo de integração hemisférica.

O Brasil está buscando selar esse consenso com os demais países latino-americanos na Terceira Reunião Ministerial da Alca, que deverá ocorrer em Belo Horizonte, no começo do próximo ano. Desse encontro, deverão sair decisões sobre como e quando devem ser lançadas as negociações formais da Alca.

O Brasil destacou ainda a im-

portância dos processos de integração sub-regionais já existentes, como a Comunidade Andina, a Comunidade do Caribe, o Mercosul e o Grupo dos Três, formado pela Colômbia, México e Venezuela, além de outros bilaterais. “O crescimento do comércio intra-regional foi substancial, e as estatísticas superam, hoje, as expectativas mais otimistas do início desse processo. Na verdade, não se trata apenas de um aumento percentual de taxas de exportação e importação, mas de um crescimento qualitativo nas relações econômico-comerciais e de cooperação entre nossos países”, afirma Fernando Henrique no seu discurso.

A diplomacia brasileira enfatizou que esses processos estão em contínua expansão. Nesse sentido, foi destacada a associação da Bolívia e do Chile ao Mercosul – e ainda a da Venezuela, que está em negociação semelhante.

(L.E.L.)